



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS DE ERECHIM  
CURSO DE FILOSOFIA

TÚLIO DE ALMEIDA BERTAGNOLLI

O PROBLEMA DA NEGAÇÃO DA LIBERDADE EM SARTRE: O *SER E O  
NADA* E O *EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO*

ERECHIM  
2024

TÚLIO DE ALMEIDA BERTAGNOLLI

O PROBLEMA DA NEGAÇÃO DA LIBERDADE EM SARTRE: O *SER E O  
NADA* E O *EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO*

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Filosofia da  
Universidade Federal da Fronteira Sul,  
como requisito para obtenção do título de  
Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Profa. Dra. Joice Beatriz da  
Costa

ERECHIM

2024

## **Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Bertagnolli, Túlio de Almeida

O problema da negação da liberdade em Sartre: O ser e o nada e O existencialismo é um humanismo / Túlio de Almeida Bertagnolli. -- 2024.

45 f.

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Joice Beatriz da Costa

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em Filosofia, Erechim,RS, 2024.

1. Liberdade. 2. Existencialismo. 3. Ser. 4.  
Ontologia. I. Costa, Joice Beatriz da, orient. II.  
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

## TÚLIO DE ALMEIDA BERTAGNOLLI

### O PROBLEMA DA NEGAÇÃO DA LIBERDADE EM SARTRE: O *SER E O NADA* E O *EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Profa. Dra. Joice Beatriz da Costa

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Joice Beatriz da Costa – UFFS

---

Prof. Dr. Alcione Roberto Roani – UFFS

---

Prof. Dr. Thiago Soares Leite – UFFS

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que estiveram do meu lado durante o tempo no qual dediquei aos meus estudos e que tiveram que me ouvir falar incessantemente sobre liberdade e responsabilidade, pois fiz valer aquilo que aprendi com o estudo da obra a seguir.

Agradeço à vida que levei que me fez perceber que os conceitos presentes nessa obra poderiam ser utilizados para tornar a vida mais agradável e mais correta para comigo mesmo.

Agradeço a minha mãe que esteve do meu lado e fez tudo que foi possível para me ajudar e me dar estrutura. E que por várias vezes me questionou sobre a validade do argumento sartriano da não existência de uma deidade.

Agradeço ao meu melhor amigo, Maicon Pasqualon por me ouvir falar tantas vezes de Sartre e sobre a liberdade, por tomar interesse naquilo que conversávamos e discutir comigo incontáveis vezes sobre os conceitos principais presentes na obra e em minha cabeça. E pela revisão do trabalho final que me poupou muita dor de cabeça, conseguindo desembaralhar algumas das minhas frases mais bem boladas.

Agradeço a minha namorada Jéssica Jesus pelo apoio nos momentos finais dessa caminhada demasiadamente longa, pelo carinho e compreensão e por me ouvir em determinados parágrafos com a questão posta: “faz sentido pra você?”.

“Que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre.”

BEAUVOIR, S.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo abordar o problema da negação da liberdade em Sartre, com foco nas obras *O ser e o nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica* e *O Existencialismo é um Humanismo*, fazendo uma reorganização dos conceitos presentes no texto para facilitar sua compreensão dada extensão e complexidade da obra. Parte-se do *nada* como conceito primeiro, afirmando a possibilidade de existência do ser a partir e atrelado ao *nada*, em seguida, define-se as formas que o autor afirma ter esse ser: o *ser em-si*, *para-si* e *para-outro*. Entre cada uma das formas, define-se também os conceitos secundários a existência desse ser, mas que são essenciais para que ele exista, a saber, a *existência* (que deve preceder a *essência* para que o ser possa ser livre e responsável pelos seus próprios atos), a *essência* (suas características, qualidades, capacidades individuais, etc) para que exista o *em-si*; a *consciência (de)*, a *consciência (de) consciência*, para que exista *para-si*, e o *mundo* e o *outro* para que exista o *para-outro*. Definidas as formas do *ser*, tendo-o no *mundo*, organiza-se o conceito de *temporalidade* e de *passado*, *presente* e *futuro*, pois é a partir deles que o ser se desenvolverá; analisa-se o conceito de *liberdade* e *responsabilidade* (e como e por que ela é um fardo) que o ser tem para com ele mesmo e para com o mundo ao seu redor, e, a partir dessa *liberdade* definida, busca-se o conceito de *má-fé* que é essencial para a compreensão da parte final do presente trabalho. Conclui-se que é através de uma fuga da responsabilidade de seus atos permitida pela *má-fé* que o ser causa a negação da própria liberdade e da liberdade do outro.

**Palavras-chave:** Ser. Nada. Liberdade. Negação. Má-fé.

## ABSTRACT

The present final paper aims to address the problem of the negation of freedom in the main works *Being and Nothingness: Essay on Phenomenological Ontology* and *Existentialism is a Humanism* by Jean-Paul Sartre, reorganizing the concepts present in the text to facilitate its understanding given the extent and complexity of the work. It starts from nothing as the first concept, affirming the possibility of the existence of the being from it, then defines the forms of the being affirmed by the author: being in-itself, for-itself and for-other. Between each of the forms, concepts that are secondary to the existence of that being are also defined, but which are essential for it to exist, namely, existence (which must precede the essence so that the being can be free and responsible for its own acts), the essence (its characteristics, qualities, individual capabilities) for the in-itself to exist; consciousness (of), consciousness (of) consciousness, so that it exists for itself; and the world and the other so that the other exists. Having defined the forms of being, having it in the world, the concept of temporality and past, present and future is organized, as it is from them that this being will develop; the concept of freedom and responsibility (and how and why it is a burden) that the being has towards himself and towards the world around him is analyzed, and, based on this defined freedom, the concept of in bad faith, which is essential for understanding the final part of this work. It is concluded that it is through an escape from responsibility for their actions permitted by bad faith that the being causes the denial of their own freedom and the freedom of others.

**Keywords:** Being. Nothingness. Freedom. Negation. Bad faith.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>1 O NADA.....</b>	<b>9</b>
<b>2 A EXISTÊNCIA E A CONSCIÊNCIA NECESSÁRIA.....</b>	<b>13</b>
<b>3 AS FORMAS DO SER.....</b>	<b>19</b>
<b>4 A LIBERDADE E O FARDOS .....</b>	<b>28</b>
<b>5 A MÁ-FÉ E A NEGAÇÃO.....</b>	<b>34</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>

## INTRODUÇÃO

Jean-Paul Charles Aymard Sartre foi um filósofo, escritor e crítico francês, conhecido como representante do existencialismo<sup>1</sup>. Viveu em Paris, na França, nascido em 1905, parceiro de Simone de Beauvoir, formado em filosofia no ano de 1928 pela Escola Normal Superior de Paris, nomeado professor de filosofia no Havre em 1931. Era politicamente ativo desde seu ingresso na faculdade até a década de 60, tendo efetuado sua última publicação (*Les mots*) em 1964. Como ateu, partia do pressuposto de que não há uma predefinição biológica (natural) nem divina para a criação de um indivíduo, mas sim que sua existência precede essa essência.

Para o autor, o ser<sup>2</sup> (o indivíduo, a pessoa) nasce do nada, para se tornar, mais tarde, o *ser*, por si só. A existência passa a ter um peso a partir do momento em que este indivíduo é responsável pelas consequências de sua existência, bem como passa a ter a capacidade de escolha. Ao adquirir consciência de consciência, o ser se torna responsável pelos seus atos. “Os existencialistas ateus afirmam que Deus não existe e isto leva a crer que não existe um bem ‘a priori’, um determinismo” (ALMEIDA A. F., 2007, p. 8).

Seu existencialismo, como um reflexo de suas crenças, prega que não é possível que uma entidade maior crie<sup>3</sup> os seres vivos com um propósito. Se o ser

---

<sup>1</sup> De acordo com o Dicionário de Filosofia de DUROZOI, G. e ROUSSEL, O existencialismo é um “conjunto de doutrinas que se opõem ao racionalismo e ao idealismo e que admitem que o objeto próprio da filosofia é a realidade existencial, isto é, existência concreta e vivida, e que o único meio que possuímos para entrar em contato com ela consiste no sentimento ou emoção [...] Doutrina que acentua o aspecto existencial do ser, que se baseia nas raízes da existência humana [...] Contrapondo-se ao aspecto essencial próprio da filosofia tradicionalista, o existencialismo nega qualquer essência abstrata e universal no homem: este é pura existência e, por isso, construtor do seu próprio destino, arquiteto de sua própria vida”. O existencialismo de Sartre é ao acreditar-se que a existência precede a essência e é necessário partir da subjetividade, ou seja, da realidade do ser humano que é o objeto de estudo do existencialismo.

<sup>2</sup> O conceito de ser na filosofia não é utilizado como verbo, mas sim como substantivo, querendo tratar de um indivíduo existente ou o ser humano e de suas características objetivas e subjetivas de sua existência. Ele varia ao longo dos séculos dependendo da aceitação das suas definições propostas por diferentes filósofos do existencialismo (como Sartre, Heidegger, Beauvoir, Arendt e muitos outros). Para Sartre, esse ser é o ser humano, o o objeto central de estudo de seu existencialismo e será analisado mais detalhadamente na parte 2 do presente trabalho (A existência e as formas do *ser*).

<sup>3</sup> O conceito de criação é um conceito onto-teológico da tradição metafísica clássica. Ele contrasta com o tipo de conceito exposto por filósofos como Sartre (existencialistas ateus), pois explica a existência como sendo uma criação de um ser divino, enquanto os existencialistas ateus conceituam-no sem a necessidade de uma divindade. De acordo com a obra Teologia da Criação: “Ao longo da história da teologia cristã [...] os contextos provocaram a pensar o mundo ou toda a realidade, como criação divina e, sobretudo, a compreender teologicamente o que significa um modo realmente bíblico e cristão de ser criação e não outros modos que disputavam a adesão da fé” (2024, p. 10, disponível em <https://teologicalatinoamericana.com/?p=2535>, acesso 19/06/2024).

fosse criado por um criador com sua essência definida antes de existir, ele já teria seu destino definido e traçado e, portanto, deveria seguir os desígnios de seu criador e se tornar aquilo para que foi criado. Então, não existiria nenhum tipo de possibilidade a não ser viver do modo para o qual se foi criado<sup>4</sup>, retirando todo poder de escolha dos indivíduos e, assim, também a sua liberdade já que foi criado para um motivo, com uma finalidade e com um destino traçado.

O existencialismo ateu, que eu represento, é mais coerente. Afirma que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem. [...] O que significa, aqui, dizer que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define (SARTRE, 1987, p. 2).

Sarte acredita que a essência seja o conjunto de características e funções de um indivíduo. Então, dizer que se acredita que a essência preceda a existência do ser é dizer que ele, antes de ser criado, já tem suas características, suas funções e seus objetivos definidos, assim como um escultor o faz quando pretende criar uma mesa: projeta a mesa com o tamanho, as características que pensou em sua cabeça e prepara o material para que possa fazê-la como desejar.

Sartre, como existencialista, afirma também que não pode ser que o *ser* se dê dessa forma, é necessário que a existência preceda a essência. Em outras palavras, isso significa dizer que o ser nasce sem predestinação nenhuma e sem que já tenha existido uma função destinada à sua existência. Ele nasce para depois poder vir a ser algo ao passo que se desenvolve; e não nasce *para* ser algo que já está definido por algo que o preceda (como uma deidade, o universo ou qualquer força maior). Se não fosse assim, segundo Sartre, não seria possível conceber sequer o conceito de liberdade, “a liberdade humana precede a essência do homem e torna-a possível: a essência do ser humano acha-se em suspenso na liberdade” (SARTRE, 2014, p. 68).

Tratar de liberdade parece ser uma tarefa que demanda séculos de discussão: de Platão e Aristóteles, passando, por exemplo, por John Locke, Baruch Espinosa, René Descartes e Thomas Hobbes e chegando até Karl Marx, John Mill e Jean-Paul

---

<sup>4</sup> Para Sartre, aqueles que admitem um deus que cria o homem, o admitem como um artífice superior. Em sua obra *O existencialismo é um humanismo*, afirma: “Deus produz o homem segundo determinadas técnicas e em função de uma determinada concepção, exatamente como um artífice fabrica um corta-papel segundo uma definição e uma técnica. Desse modo, o homem individual materializa certo conceito que existe na inteligência divina”.

Sartre. É um tema amplamente abordado pela filosofia que, até mesmo antes de buscá-la, buscam o cerne da existência. Um tema que parece ser inesgotável e cheio de discordâncias, indagar sobre a liberdade parece difícil filosófica e existencialmente. Apesar disso, a obra mais extensa de Jean-Paul Sartre trata da existência até a *liberdade*.

O presente trabalho busca analisar as obras de Sartre, com ênfase em *O ser e o nada* e *O Existencialismo é um Humanismo* de Sartre, traçando uma linha central iniciada pelo conceito de *nada* até a *liberdade* e a *má-fé*, somente considerando alguns dos conceitos das obras do autor devido à extensão e complexidade. Busca também compreender e dissertar sobre cada conceito necessário para o entendimento da linha central (alguns mais a fundo do que outros) com a pretensão de chegar, em seu cerne, em uma discussão sobre o problema da *negação* da *liberdade* do *ser*, como ele mesmo deixa que sua liberdade seja tolhida e como as responsabilidades se dão para cada um para que isso aconteça e como a *má-fé* permite uma fuga da *responsabilidade* para com sua *liberdade*.

O primeiro conceito a ser analisado é o *nada*, seguido pelo conceito de *ser*, que será então dividido entre *em-si*, *para-si* e *para-outro*. Junto com o conceito de *nada*, faz-se essencial notar e delinear a presença do conceito de *deidade* ou a falta da necessidade daquela. Em meio aos três últimos, mais alguns conceitos surgem e serão explorados, como o de *consciência* (e de *consciência* de *consciência*, consequentemente), para o entendimento de ser em si; o conceito de *liberdade*, *responsabilidade* e *valores morais* para a compreensão do *ser-para-si* – alguns desses não sendo o foco do trabalho, servirão apenas como base para a discussão futura; e, por conseguinte, o surgimento de *mundo*, *obrigação* e *má-fé* em conjunto com o *para-outro*. Após essas definições, analisar-se-á, também, o conceito de *negação* para chegar até o conceito final do trabalho.

Tendo os conceitos de *liberdade*, *negação* e *má-fé* definidos, pode-se chegar à questão mais importante: como e por que o há uma negação na *liberdade* do *ser* e porque ele mesmo deixa que isso aconteça. Para isso, faz-se uso da leitura e análise tanto das obras de Sartre, a saber, *O Ser e o Nada – Ensaio de Ontologia Fenomenológica*, (23 ed., de 2014) e *O Existencialismo é um humanismo* (versão de 1987), como de obras de comentadores como BORNHEIM, G. E MÉSZAROS, I. e artigos, teses e dissertações apresentadas por autores como SILVA, P. C. G. e BARATA, A e SANTOS A.

Por fim, as ideias de Sartre serão organizadas não em ordem de surgimento em seu texto, mas em uma ordem de desenvolvimento de um determinado sujeito, contrastando, se necessário, com a organização da obra do autor que expunha uma intenção mais profunda do que a do presente trabalho.

Cabe aqui, situar o leitor quanto à utilização de termos no presente texto. Sartre usa termos muito semelhantes em seu texto, o que torna a leitura não tão fluída. Da mesma forma, a tradução de suas obras, primeiro para o inglês e depois para o português, propicia certa perda no sentido das palavras utilizadas pelo autor<sup>5</sup>.

Tanto a obra do filósofo francês quanto esse trabalho, não têm a pretensão de explorar questões éticas mais profundas advindas do estudo dos conceitos apresentados no texto, vista a complexidade de alguns desses conceitos.

O *ser e o nada* é uma ontologia concebida do ponto de vista dessa subjetividade, e a “experiência da sociedade” é posta em jogo apenas até o ponto em que pode oferecer *ilustrações* – muitas vezes brilhantemente coloridas – do “mundo” extremamente abstrato (não o mundo empírico, mas um construto ontológico) no qual “a realidade humana” (subjetividade ou individualidade) se situa (MÉSZÁROS, 1991, p. 170<sup>6</sup>).

Como mencionado acima, Sartre nomeia sua obra como um ensaio de ontologia fenomenológica. Portanto, é necessário elucidar também o que quer dizer essa parte do título. A palavra ontologia pode ser melhor compreendida se a dividirmos em duas partes: *logia* que significa o estudo ou o conhecimento sobre algo e *onto* que pode ser compreendido simplesmente como “o ser”. Dessa forma, pode-se dizer que a ontologia é o estudo ou a compreensão do ser, ou em outras palavras, é o tipo de estudo que busca compreender o que uma coisa é, em si mesma, na realidade e o objeto desse estudo é o ser ou o ente, que se pode chamar também de indivíduo.

Já a parte do fenomenológica significa que este estudo feito pelo autor se dá através de algo, a saber, os fenômenos: a consciência das percepções que se tem através da observação dos acontecimentos possíveis de algo. Em resumo, pode-se dizer que Sartre pretende então esclarecer, em sua obra, o que é o indivíduo ou o ser

---

<sup>5</sup> Os conceitos poderão aparecer discriminados em notas quando se referirem a palavras em francês (língua de Sartre) ou grifados como nos parágrafos acima (em itálico se a palavra se referir a um conceito como é tratado pelo autor, exemplo: ser; ou se for a mesma palavra com outro sentido: ser, do verbo ser). Isso será feito nesse trabalho para facilitar a fluência e a compreensão do texto, visto que esse é o princípio do estudo filosófico e do trabalho de revisão bibliográfica.

<sup>6</sup> Grifos do autor

existente, e como pode ser que ele seja de tal forma, baseando-se naquilo que se pode observar dele.

De acordo com o filósofo István Mészáros,

O interesse de Sartre pela fenomenologia é, desde o início, existencial-ontológico. Ele quer captar os “existentes” em sua facticidade, em oposição às diversas espécies de pressupostos ou prejulgamentos metafísicos que parecem dominar não só as teorias filosóficas, como também suas aplicações na psicologia e alhures, e seu entusiasmo pelas potencialidades da fenomenologia direta dessas preocupações (1991, pág. 116).

Dessa forma, o autor pode comparar o sujeito de seu estudo com o mundo como ele realmente é.

Daqui para frente, diferentemente da obra *O ser e o nada de Sartre*, inicia-se a análise do conceito primeiro desse trabalho: o *nada*. É a partir dele que se dará a compreensão do conceito de *ser*, pois é ele que permite que o ser venha a existir como forma de positividade contrastante a do *nada*. Acredita-se que essa troca de ordem de conceitos possa facilitar a compreensão em comparação com a obra do autor.

## 1 O NADA

A análise fenomenológica da negação e do negativo desemboca no nada enquanto ele se manifesta; e se isso é assim, em algum sentido o nada deve ser dado para que possamos aceder à sua elucidação. Mas a origem ou fundamento, onde está? A argumentação de Sartre segue em uma via negativa (BORNHEIM, 2007, p. 43).

Em seu livro, Sartre primeiro define o *ser*, para depois explicar o que é o *nada* e isso acontece porque o *nada* está atrelado ao *ser* e não pode existir sem ele como será visto mais à frente. Nesse trabalho, reorganiza-se essa ordem para um melhor entendimento, pois é o *nada* é como um estado conducente ao entendimento dos seguintes conceitos de maneira mais direta e facilitadora. Assim, o trabalho primeiro é a compreensão desse conceito que parece ser o mais abstrato, a princípio.

Quando se pensa em nada como algo, parece que não há o nada, pois ele não é ou, em outras palavras, parece que não há um estágio em que possa existir o nada.

“Compreendemos que não se podia conceber o Nada fora do ser, nem como noção complementar e abstrata, nem como meio infinito onde o ser estivesse em suspenso” (SARTRE, 2014, p. 63). Para o filósofo, este é um estado de complexa definição onde não existe ainda um sujeito. Quando ele utiliza o termo *ser* para falar da negação, é necessário notar que trata da existência do nada: o nada por si só e não como um *ser*, como entidade ou indivíduo que vive assim como os animais ou seres humanos.

Nesse nada, não há uma consciência de si; ele é apenas um estado de criação. Não é como se o nada fosse um vazio absoluto no qual as coisas flutuam antes de existirem; mas sim um conceito, uma compreensão de uma negatividade que passará a se contrastar com a positividade do *ser* para que esse possa existir.

É preciso que o Nada seja dado no miolo do Ser para que possamos captar esse tipo particular de realidades que denominamos Negatividades. Mas esse Nada intramundano não pode ser produzido pelo ser-Em-si: a noção de Ser como plena positividade não contém o Nada como uma de suas estruturas (SARTRE, 2014, p.64).

O *nada* não está no *ser*, não faz parte dele, mas precisa existir para dar estrutura para a existência do *ser*. Também é atividade de *nadificação*<sup>7</sup> de *ser*, ou

---

<sup>7</sup> O conceito de *nadificação* aparece em vários momentos da obra *O ser e o nada*, mas é explicada mais a fundo na primeira parte, no capítulo 1. Embora seja um conceito importante para Sartre, não é

seja, ele é uma condição, ou um ponto de partida para a existência de algo, como contraste. É a partir do que o ser é formado – portanto, é seu precedente. Antes que exista algo, existe também um estado no qual não há nada, o *nada*. Ele é delimitador da existência: “assim que o mundo aparece como mundo, mostra-se como não sendo senão isso” (SARTRE, p.45).

O que não é o mundo nem as coisas, nem algo, é o nada. Apesar disso, o *nada* só tem sua validação a partir do ser: como antes dito, não é um “lugar” onde não existe nada ou um indivíduo “vazio” que se movimenta por aí livremente, mas sim algo que se manifesta a partir de outro *ser* que se pergunte sobre sua existência e, portanto, chegue até o *nada* para se compreender, a saber, este ser do qual o nada se utilizar (ou vice-versa) é o ser humano.

E também é necessário, para que toda essa discussão exista, que exista a consciência junto com o surgimento do ser. De acordo com BORNHEIM, “o nada é algo como uma secreção do homem possibilitada pela consciência”. Isso se dá porque se o nada depende de outro ser e que este se faça a pergunta sobre a sua própria existência para que possa chegar ao nada, é necessário que este ser seja pensante: tenha consciência, mas também *consciência de consciência*, conceito que será elucidado mais à frente.

O autor trata o *nada* como um problema, como o surgimento de dúvidas ou de interrogações sobre o *ser*. Isso se torna uma polêmica, pois, antes<sup>8</sup>, o ser era definido pela *natureza* ou por uma *ação divina*. O *nada* não significa necessariamente uma negação de um sujeito, mas sim um estado de possibilidade de criação. É a partir disso que o *ser* é construído e se desenvolve.

---

primordial que ele seja amplamente explorado nesse trabalho. Uma pequena explicação do conceito aqui já basta:

A nadificação é o processo pelo qual a consciência se distingue dos objetos e do mundo ao seu redor. Para Sartre, a consciência não é algo fixo; ela está constantemente criando uma separação entre ela mesma e o mundo. Este ato de separar ou “nadificar” é o que Sartre chama de nadificação. Ao refletir sobre si mesma e sobre o mundo, a consciência cria um “nada” entre ela e o objeto de sua reflexão. Este nada é a distância ou a diferença que permite à consciência se ver como distinta e separada do objeto. Isso significa que a consciência está sempre “nadificando” o mundo, ou seja, criando uma lacuna entre si mesma e o ser-em-si.

<sup>8</sup> Os filósofos anteriores a Sartre até a filosofia moderna, com diferentes linhas de pensamento, desde os primeiros a tratar sobre o *nada* (Parmênides, Aristóteles, Descartes e Kant) até as reformulações feitas por Hegel com o *nada* como se fosse um contra-conceito do ser, ou seja, não tendo essência por si mesmo ou sendo a ausência do *ser*; o contrário do que é o *ser* existente.



A possibilidade permanente do não-ser, fora de nós e em nós, condiciona nossas perguntas sobre o ser. E é ainda o não-ser que vai circunscrever a resposta: aquilo que o ser será vai se recortar necessariamente sobre o fundo daquilo que não é. [...] O ser é isso, e, fora disso, nada (SARTRE, 2014, p.45).

Para Sartre, o *nada* é como uma negatividade em relação ao *ser*, que seria a parte positiva, afirmando que o sujeito não poderia ser somente feito de positividade. Seria necessário algo para balancear a existência do ser, para poder limitar o ser, pois se não houvesse a estrutura do nada, o ser não seria capaz de se nadificar e de limitar sua própria existência no mundo. Deixa claro que não há *liberdade* no *nada*, sendo precedente à essência do ser humano.

Nesse ponto de seu texto, Sartre conceitua a *liberdade*, pois ela já existe a partir do momento em que o ser passa a existir. Diferentemente, neste trabalho, a *liberdade* será apresentada e discutida mais à frente em um momento só em uma tentativa de facilitar sua compreensão sem que esteja fragmentada como na obra *O ser e o nada*. Nas palavras de Sartre: “mas aqui, a liberdade não passa de uma palavra [...] ainda não é possível abordar o problema da liberdade em toda sua amplitude” (SARTRE, p. 67-68).

Levando em consideração a possibilidade de existência de um ser, existe também um estado dependente da existência dele e possibilitador dela, ao mesmo tempo, apesar de poder ser diferente.

Encontra-se outro conceito, nesse momento, que não será explorado profundamente, mas que não pode ser deixado de lado, que é o da *náusea*. E é nesse momento que ela aparece exatamente porque ela é o resultado da pergunta: por que há algo no lugar do *nada*?

A náusea é a constatação de que poderia não haver nada no lugar do que há, mas não é assim que acontece no mundo, o que levanta muitas questões existenciais. Essa área ontológica-filosófica busca a essência do ser, tendo uma carga humanista<sup>9</sup> muito grande. É a partir de conceitos e discussões como essas que a filosofia

---

<sup>9</sup> A carga humanista presente na obra de Sartre pode ser compreendida através de alguns aspectos específicos como a centralidade do ser humano (quando ele o coloca como ponto central da sua obra, investigando sobre ele) em sendo um ser em constante construção; através da ênfase na liberdade do ser humano e na responsabilidade a qual está exposto como se valorizasse a capacidade humana de autodeterminação; na relação com o outro, pois o autor acredita que é através da interação com outros indivíduos que o ser se desenvolve, reconhece a importância das relações humanas e a necessidade de respeito e reconhecimento mútuo; e da superação da má-fé, o que significa aceitar o fardo da própria liberdade e trabalhar de forma a se desenvolver e agir da melhor maneira a encaminhar seu projeto futuro de ser.

existencialista se desenvolveu de forma tão forte ao longo dos séculos: ao se perguntar “por que existimos?”, “qual o propósito da nossa existência?”.

Em Sartre, é fácil notar, baseando-se não somente na obra *O ser e o Nada*, mas em um contexto mais geral, a preocupação com esse lado humanista. E é ela mesma que leva à angústia da existência humana perante todos os fardos de sua existência.

Nas palavras do autor,

[...] a angústia não surgiu como prova da liberdade humana, a qual não aparece como condição necessária à interrogação. Queríamos apenas mostrar que existe uma consciência específica de liberdade e esta consciência é angústia. Buscamos estabelecer a angústia, em sua estrutura essencial como consciência de liberdade. [...] A liberdade que se revela na angústia pode caracterizar-se pela existência do nada que se insinua entre os motivos e o ato. Não é porque sou livre que meu ato escapa à determinação dos motivos, mas ao contrário, a estrutura ineficiente dos motivos é que condiciona minha liberdade (SARTRE, 2014, p. 77-78).

No existencialismo sartreano não existe uma missão do ser humano, o que o torna libertador de preconceitos<sup>10</sup>. A possibilidade da categorização de uns em relação a outros é inválida necessariamente pela existência preceder a essência. Para a completude da filosofia sartreana, é necessária a presença de uma ética que não ainda aprofundada na obra *O ser e o nada*, mas em outros textos do autor como *O existencialismo é um humanismo* e *A náusea*, e que também não será tratada aqui neste trabalho, pois não é o foco dele, visto que o seu cerne é somente a exploração do conceito da negação da liberdade que do *ser*.

A partir dessa primeira seção, tem-se que se pode conhecer o conceito do *nada* como sendo uma negatividade em relação ao *ser* que é prévia à existência dele, necessária para compreendê-lo como coisa no mundo e é ponto de partida para a existência e futuro desenvolvimento do *ser*. Dessa forma, doravante o objetivo passa a ser compreender o que é a *existência*, em si, e todas as outras formas que existem para o autor e como ele define cada uma em sua tese.

---

<sup>10</sup> Em áudio-aula, o professor Dr. Clóvis de Barros Filho combate argumentos machistas com essa afirmação, pois não existiria algo que homens ou mulheres tenham nascido para fazer ou ser visto que se conceba o ser dessa forma como livre para existir do jeito que bem desejar. Curso online de Ética na filosofia (disponível no site <https://espacoetica.com.br/>, último acesso em nov. de 2018)

## 2 A EXISTÊNCIA E A CONSCIÊNCIA NECESSÁRIA

Até aqui, analisou-se a possibilidade e as estruturas prévias à existência real do indivíduo. Daqui para frente, definir-se-á, as formas de existência do objeto de estudo deste trabalho

Para Sartre, o existencialismo é uma doutrina filosófica que trata daquilo que torna a vida do ser humano possível e que “toda verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade” (1987, p. 1). Então, nesse trabalho, a *existência*, que é o cerne do existencialismo será detalhada logo após se definir o conceito de *nada*, pois depois de compreender o que é o *nada* e como ele possibilita que a *existência* venha a ser, parece mais fácil compreender o que ela é.

A primeira fase do ser, pode-se dizer que seja somente de definição da sua existência e é chamada de *ser*. Ele é analisado primordialmente através de seus fenômenos, por isso, sua obra é uma ontologia fenomenológica: “o fenômeno é o que se manifesta, e o ser se manifesta a todos de algum modo, pois dele podemos falar e dele temos certa compreensão. Assim, deve haver um fenômeno de ser, uma aparição do ser, descritível como tal” (SARTRE, p.19).

Em outras palavras, a fenomenologia de Sartre analisa os fenômenos (o que ser pode captar: ver, ouvir, perceber, conhecer) que são as consequências da existência de um ente. Dessa forma, o autor analisa o fenômeno do ser, a saber, o que são as coisas que podemos compreender a partir do que percebemos da existência desse ente; mas também analisa o ser do *fenômeno*, que quer dizer que ele também busca mostrar o que são esses fenômenos que podemos analisar.

Ora, se um *livro* existe e está em cima de uma *mesa*, pode-se perceber todas as dimensões de um livro (largura, altura, espessura), suas características básicas (cor, material, idade aparente), seu peso, a gramatura das folhas, da mesma forma que conseguimos olhar para a mesa e comparar sua existência com a do livro que está sobre ela (é maior ou menor que o livro, mais pesada ou mais leve, mais rígida ou mais maleável). Podemos chegar a conclusões baseadas nessas características aparentes e, também, em outras não aparentes que envolvem sua existência: o preço, a utilidade e a validade do livro pequeno, antigo e surrado não é tão alto ou bom quanto o da mesa nova, grande, em perfeito estado. Assim, também, deve ser com o *ser*: pode-se olhar para ele e analisar suas características e tirar conclusões a partir delas (e dos fenômenos). “À vista disso, o que mede o ser da aparição é o fato dele

aparecer e podermos chegar na conclusão inicial de que o fenômeno é tal” (SANTOS, 2023, p. 13).

Contudo, para que isso aconteça, ainda é necessário pensar sobre outras questões e conceitos necessários. Sartre coloca a *existência* em suas obras como uma obrigação e que representa um peso a ser carregado, independentemente desse existencialismo ser humanista, pois para o autor, a humanidade é necessária: o outro é necessário para a existência humana, através do reconhecimento mútuo. Assim, pode-se pensar que, é necessário existir e essa existência já é, em si mesma, algo que pesa para o indivíduo: ninguém escolhe nascer; vem-se ao mundo por força de algo e se é obrigado a viver, mesmo que contra a sua vontade.

E é necessário também ser responsável pela própria existência e por todas as coisas que permeiam essa existência como se fosse um fardo que cada um tem que carregar: “a liberdade manifestada pela angústia se caracteriza por uma obrigação perpetuamente renovada de refazer o Eu que designa o ser livre” (SARTRE, 2014, p. 79).

O existencialista declara frequentemente que o homem é angústia. Tal afirmação significa que: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade (SARTRE, 1987, p. 4).

Ou seja, o autor acredita que haja uma angústia que passa a existir, pois, no lugar do *nada*, há algo e esse algo é a existência do ser que deve se desenvolver a partir das escolhas que o indivíduo toma e que são de inteira responsabilidade dele mesmo e que devem ser tomadas obrigatoriamente, pois, agora, ele existe e tem que fazer isso.

Esse mesmo raciocínio se desenrolará melhor mais à frente, mas por agora, somente isso é suficiente para manter o que se havia proposto na introdução deste trabalho: uma linha lógica do nada ao cerne do texto que seja de mais fácil compreensão.

Como antes mencionado, a existência não deve ser pensada como precedida pela essência, ou seja, o ser humano existe independentemente de ter um propósito, um futuro, ou até mesmo uma forma predeterminada. Se não fosse assim, se admitiria uma ideia de um criador (uma deidade, uma força maior) que decida como as coisas

serão antes que sejam criadas e dali em diante somente seria possível que fosse assim da forma como foi pretendida ao ser criada. Para Sartre, esse não é um conceito válido porque seria prova de um determinismo: não existiria outra opção possível de existência a não ser existir daquela forma. Uma mesa é criada para ser uma mesa. Quando o criador a cria, ela é pensada, projetada e executada para ser tal e jamais, por vontade própria, viraria um livro, modificando-se ao longo do tempo. Nas palavras do autor:

A clara visão do fenômeno de ser é frequentemente obscurecida por um preconceito generalizado que chamaremos de “criacionismo”. Como se supunha que Deus dera o ser ao mundo, o ser parecia sempre afetado por certa passividade. Mas uma criação ex nihilo não pode explicar o surgimento do ser, o qual, concebido em subjetividade, divina que seja, permanece como modo de ser intrassubjetivo. [...] Mesmo se houvesse sido criado, o ser-Em-si seria inexplicável pela criação, porque retomaria seu ser depois dela. Equivale a dizer que o ser é incriado. Mas não se deve concluir que o ser se cria a si, pois isso faria supor ser anterior a si mesmo. [...] o ser é si-mesmo. (SARTRE, 2014, p. 37).

A existência é puramente definida a partir do *ser*. Há uma responsabilidade e um dever de ser. O *ser* é um estado de existência que não representa nem atividade nem passividade. Ele apenas tem *consciência*. E esse conceito requer uma análise mais detalhada.

Sartre diferencia *consciência* de *consciência de consciência*, a saber: o *ser* tem consciência, mas não tem *consciência* (ou sabe) que tem *consciência*. Em outras palavras, assim que o ser nasce, ele sabe que existe, mas não sabe pensar sobre a própria existência, essa é somente a primeira parte da sua consciência, é um pré-requisito para que ele desenvolva formas mais elaboradas de si mesmo, uma existência inicial.

A existência e a essência humana se manifestam da mesma maneira: através dos fenômenos que se pode perceber. Sartre dirige um estudo sobre a verdadeira essência dos fenômenos do ser. Eles aparentam aos nossos olhos (sentidos) e através da consciência e das estruturas cognitivas tomamos conhecimentos deles. A essência (o que não vemos) não está no objeto, mas é o sentido e a razão de suas aparições (SARTRE, 2014, p. 19). O *ser* é a essência do fenômeno.

Para o autor, ter consciência é a capacidade de compreender algo, ou seja, tomar conhecimento de algo. Assim, ter consciência sempre será ter consciência (de) algo. Um cão pode entrar na sala e se deparar com a mesa do exemplo anterior dessa

mesma seção, então terá tido consciência dela. Talvez se investigar mais a fundo (sentindo outros cheiros, subindo na mesa) poderá perceber também o livro, tendo consciência dele. Mas para Sartre, o *ser* tem mais do que isso. Não basta ter somente consciência de algo. Deve-se ter consciência de que se tem consciência, ou seja, o indivíduo deve saber que tomou consciência dessas coisas e investigar seus fenômenos mais a fundo.

Quando o autor traz o conceito de *cogito pré-reflexivo* do *ser* e do *ser do percipere*<sup>11</sup>, se refere ao pensar (ter *consciência* de) do *ser* antes de saber ele mesmo que sabe. E, para ele, só poderia ser assim, pois é necessário pensar para poder refletir (sobre) algo. Existem várias instâncias dessas percepções e dos conceitos que permeiam essa ideia e que tornam o texto não tão acessível.

Em uma tentativa de simplificação, pode-se dizer que o *ser* é percebedor (o que o autor chama de *percipiens*) e esse é assim porque percebe (*percipere*), mas não só por causa disso, mas porque tem *consciência* de que percebe. Se percebe, percebe algo que existe para ser percebido, pois *ser* é ser (verbo) percebido (*esse est percipi – ser é ser percebido*). Assim, tem-se um percebedor e algo a ser percebido por ele.

A consciência é o veículo pelo qual o conhecedor (ou percebedor: *percipiens*) conhece (percebe: *percipere*) o conhecido (*percipi*), gerando o conhecimento (de) (consciência de consciência). Em outras palavras: ter *consciência* é ter *consciência* de alguma coisa e isso só de dá devido ao movimento dessa consciência permitido pelos sentidos e pelos fenômenos que se dão do outro no mundo.

O *ser* percebido remete ao *ser* que o percebe. Isso porque *ser* é diferente de ser conhecido. Ser conhecido é *ser* em relação ao conhecimento do conhecedor sobre o primeiro *ser*. Para Sartre, a realidade se dá à reflexão e, através da consciência, conhece-se. E só poderia ser assim com o *ser* que é o objeto de estudo de Sartre (o *ser* humano) porque ele é capaz de gerar conhecimento das coisas, diferentemente dos animais, por exemplo.

---

<sup>11</sup> Sartre aborda esses conceitos ligados a percepção e a consciência (*percipi*, *percipere*, *perceptum*, *esse est percipi*) ainda na introdução, partes III e IV.

Se, de fato, toda metafísica presume uma teoria do conhecimento, em troca toda teoria do conhecimento presume uma metafísica. Significa, entre outras coisas, que um idealismo empenhado em reduzir o ser ao conhecimento que dele se tem deve, previamente, comprovar de algum modo o ser do conhecimento. Ao contrário, se começarmos por colocar o ser do conhecimento como algo dado, sem a preocupação de fundamentar seu ser, e se afirmarmos em seguida esse *est percipi*, a totalidade “percepção-percebido”, não sustentada por um ser sólido, desaba no nada. Assim, o ser do conhecimento não pode ser medido pelo conhecimento (Sartre, 2014, p. 21).

A *consciência*, para se validar, deve ser de algo e de si mesma ao mesmo tempo. Em seu texto, o autor usa o exemplo da contagem de cigarro<sup>12</sup>: para contar, é preciso ter consciência de contar e de que se está contando. Assim, existe uma consciência primeira que toma ciência de sua consciência. Esta segunda é de algo e se encaminha ao conhecimento, mas só o faz por existir toda a estrutura que a permite.

Portanto, é necessário que exista consciência para que o ser possa tê-la e depois que ele tenha consciência dela (ou consciência de consciência: por isso é *homo sapiens sapiens*) para que, dessa forma, consiga gerar conhecimento sobre as coisas do mundo. Diferentemente do cão, o indivíduo (ser humano) consegue entrar na sala e perceber a mesa e o livro e saber que os percebeu e a partir tanto da estrutura do conhecer como da consciência disso, resolver ler o livro com o intuito de obter mais informação. Não por instinto – como o cão que percebe as coisas, mas não gera nenhum conhecimento através daquilo que recebe.

Da mesma forma é o *ser*. Antes de ser algo mais que apenas *ser* (ou seja, diferente de *ser-para-si* ou *ser-para-outro*), ele somente é. Assim, é possível fazer a ontologia (ou buscar a origem e a razão) da existência: o ser não como indivíduo (nome), mas como ação de existir (verbo). Ao detalhar e discutir a existência da existência, o autor parte para o *ser-em-si* que é o indivíduo que normalmente chamamos de ser (como substantivo) e Sartre explica isso afirmando redundantemente que o *ser-em-si* é o que é.

---

<sup>12</sup> Nas palavras de Sartre: “Se conto os cigarros desta cigareira, sinto a revelação de uma propriedade objetiva do grupo de cigarros: são doze. Esta propriedade aparece à minha consciência como propriedade existente no mundo [...] E, todavia, no momento em que estes cigarros se revelam a mim como sendo doze, tenho consciência não tética de minha atividade aditiva. Com efeito, se me perguntam ‘o que está fazendo?’, responderei logo: ‘contando’; e esta resposta não remete somente à consciência instantânea que posso alcançar pela reflexão, mas àquelas que passaram sem ter sido objeto de reflexão, àquelas que são para sempre *irrefletidas* (irréfléchies) no meu passado imediato. (grifos do autor e tradutor)

Com essa elucidação, percebe-se também que a *consciência* é anterior ao *ser* e também “[...] anterior ao *nada* e ‘se extrai’ do *ser*” (SARTRE, 2014, p. 27). Antes da *consciência*, o *ser* é passividade. Depois dela e por causa da estrutura possibilitadora que ela cria, o *ser* pode existir da forma que é.

Quando Sartre trata do *ser* do *percipere* (2014, p.29), refere-se à essência da atividade da *consciência* para com algo. Entretanto, a *consciência* (*percipere*) do outro não afeta o percebido (*perceptum*), apenas o observa e o compreende.

Mesmo que o *ser* não possa depender da existência de um criador, pois isso seria determinismo, não se pode afirmar também que ele seja seu próprio criador. A existência do *ser* “não é atividade nem passividade” (SARTRE, 2014, p. 37), mas o *ser*, por si, é atividade em relação aos meios que o empregam. O *ser* não deriva do *nada*. Já sua *consciência* está além desses conceitos e além da negação ou da afirmação.

Até a presente seção deste trabalho, caracterizou-se o *nada* como sendo uma negativa existencial que possibilita um balanço pela parte positiva do *ser*, permitindo a existência que precede a essência do *ser* para que ele tenha a liberdade de ser o que quer ser sem estar amarrado a uma possibilidade obrigatória de futuro já definida no seu criar, e que essa existência é permeada e necessita não só dela mesma, mas de uma *consciência* que seja *consciência* (de) *consciência* para que se possa ter uma estrutura de indivíduo capaz de compreender o mundo (que também o permeia) e, doravante, se desenvolver da melhor maneira que conseguir em seu projeto<sup>13</sup> de *ser*.

Apesar de tudo isso, esse *ser* ainda não é *nada* a não ser a própria existência, ele somente existe e tem conhecimento disso, mas ainda não entrou em contato com os outros conceitos necessários para o seu desenvolvimento. Daqui em diante, tentar-se-á definir suas formas de acordo com o contato que o *ser* vai tendo com os outros conceitos e modificando sua forma de *em-si*, para *para-si* e depois para *para-outro*.

---

<sup>13</sup> Sartre traz o conceito de projeto de ser que é aquilo que ele pretende ser no futuro e é para realizar esse projeto que ele vai agir das formas que acha necessário. Nas palavras do autor, “O homem *nada* mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo” (SARTRE, 1987, p. 3).



### 3 AS FORMAS DO SER

Partindo do pressuposto de que há uma existência consciente do ser, Sartre afirma ser esse o primeiro passo do *ser*. Ele é o que é e é diferente de qualquer coisa que não seja ele. Ele deixa de ser o *nada* e passa a ser algo que independe do que venha a ser futuramente, a partir de suas próprias escolhas, ou das escolhas dos outros, impostas (o que veremos mais à frente). Assim, inicia-se a análise de como esse ser é, agora que ele passou a existir a partir de estruturas que permitiam que ele fosse criado.

O ser é jogado no mundo<sup>14</sup>: o ser humano enquanto jogado ao mundo é quem desenvolve seus projetos e é o único responsável por suas ações. Estas implicam uma ética que não será detalhada no presente trabalho, mas que tem forte relevância para sua existência e afirmação. Como anteriormente comentado, o ser é obrigado a existir e obrigado a fazer suas ações e tomar as suas decisões e é responsável por todas elas. Assim, Sartre vê o ser humano como jogado ao mundo: é necessário que ele aprenda e tome suas decisões e seja responsável por seu futuro que pode ser qualquer coisa que queira, pois não teve um determinismo essencial para sua existência.

Em 1945, Sartre apresenta uma conferência em Paris (o que depois viria a ser publicado como obra em 1946), com o título de *O Existencialismo é um Humanismo*, onde defende seu existencialismo das críticas feitas na época sobre “incitar as pessoas a permanecerem no imobilismo do desespero” e de “ênfazer a ignomínia humana, de sublinhar o sórdido [...] e de negligenciar certo número de belezas riosas, o lado luminoso da natureza humana” (SARTRE, 1987, p.1) devido a essa responsabilidade com uma certa visão negativa da existência.

Em resposta, Sartre afirma que essas críticas são errôneas, pois o existencialismo foi considerado como sombrio por ser pessimista, mas ele acredita que seja o contrário, por ser justamente otimista quanto às possibilidades de escolha do ser humano em relação ao seu próprio futuro.

---

<sup>14</sup> O conceito de mundo será abordado mais detalhadamente mais para frente entre os conceitos do para-si e para-outro para melhor compreensão, já que não há uma sessão da obra *O ser e o nada* dedicada somente ao conceito de mundo, mas aparece em partes, ao longo da obra, vinculada a outros conceitos.

Nesta etapa, passar-se-á de algo que não existia e tomou forma, mesmo sem essência, para um ser que existe e, a partir dessa existência, se identifica com outro aspecto (e conceito) importante para o autor: *mundo*.

Ao ter *consciência* de que tem *consciência*, o *ser* se depara com o *mundo*. Agora em uma nova etapa de existência, precisa se defrontar com ele e, a partir de suas escolhas, tornar-se o que pretende ser em suas condições possíveis. É um processo dinâmico. O mundo é tudo aquilo que não é o *ser*, a saber, as coisas, objetos, outras pessoas, a natureza e tudo mais.

A *liberdade* de escolha começa nessa etapa. Aqui, ele é condenado a fazer suas escolhas, e futuramente terá que se confrontar com as consequências de suas próprias escolhas: o sucesso ou o desastre. Sartre usa a palavra condenado, como já comentamos anteriormente, porque o ser não pode não fazer escolhas na sua própria vida. Esse é um fardo que ele carrega ao preço da sua existência. Pode sim deixar que os outros façam as escolhas de sua vida por ele, mas isso também é fazer uma escolha. Essa é a primeira forma do ser (*Em-si*), se encaminhando para sua próxima forma a analisar: o ser para-si.

Não sendo mais o ser-em-si que é o que é e se confrontando com o mundo, o ser se modificará através do conceito da *temporalidade*, fazendo-se necessário clarificar qual a principal diferença entre ele e o *ser-para-si*, pois é através dela que isso acontece. Ao se defrontar com o mundo, tornar-se-á um processo que contrasta com a inércia do *em-si*<sup>15</sup>, e isso faz com que se desvele. Sartre afirma que essa diferença se dá, de forma essencial, pela *temporalidade*<sup>16</sup>, ou seja, *passado, presente*

---

<sup>15</sup> O *ser em-si* apenas existia, separadamente aos seus propósitos.

<sup>16</sup> Cabe aqui fazer uma distinção entre o conceito de temporalidade presente nas obras de Sartre e o conceito de tempo.

Sartre considera o tempo como uma série de momentos separados que podem ser medidos e quantificados. Esse conceito de tempo é linear e objetivo, uma estrutura que se pode utilizar para organizar eventos em uma sequência cronológica. É o tempo tal como é geralmente entendido nas ciências e na vida cotidiana.

A temporalidade, por outro lado, refere-se à maneira como os seres humanos experienciam subjetivamente o tempo. Para Sartre, a temporalidade é um aspecto essencial da existência humana, refletindo a consciência de si mesma e a projeção de possibilidades futuras. Ela é constituída por três dimensões: o passado que são as experiências e ações passadas que moldam a identidade atual do ser (Sartre enfatiza que, embora o passado não possa ser alterado, ele influencia continuamente nossas escolhas presentes); o presente que é o momento atual de consciência e ação (no presente, o ser humano está continuamente fazendo escolhas e tomando decisões que definem sua existência e seu projeto futuro); e o futuro que representa as possibilidades e projetos para os quais o ser se dirige. Assim, enquanto o tempo é uma medida objetiva e linear, a *temporalidade* é a experiência subjetiva e existencial do tempo, onde o *ser* está sempre se situando entre *passado, presente e futuro*, projetando-se em direção às suas próprias possibilidades e moldando seu projeto de *ser* futuro através de suas escolhas livres.

e *futuro*. Eles é que permitem que o *ser-para-si* venha ao mundo. Para entender melhor como isso acontece, é necessária uma melhor compreensão desses conceitos e de suas ligações com cada uma das formas do *ser*.

O filósofo inicia essa parte de seu texto novamente de forma ontológica questionando “qual é o *ser* de um *ser passado*?”, ou em outras palavras, “o que é o *passado*?”. Na tentativa de escapar de uma explicação falha como a de que o presente vem entre o passado e o futuro e os liga temporalmente, Sartre elucida mais detalhadamente o conceito. Para o autor, não há *ser* do *passado*, como não há *passado*, por si só. Somente há *passado* em relação a um *presente*. Só existe, aqui (no presente), o que se crê de uma recordação. Apesar disso, *ser passado* não significa não ser mais, no sentido de ter acontecido e acabado e, portanto, não existir mais. Significa, ao invés disso, ser para sempre em um “lugar” que não é mais o do agora. O tempo passado não é uma entidade que exista, mas sim algo que só é possível pois existe um *presente* no qual o indivíduo esteja consciente das coisas pelas quais passou.

Pode-se imaginar, então, o mesmo cenário anterior: o homem entra na sala e se depara com o livro em cima da mesa. A partir do momento que o homem lê o livro, não será mais o mesmo, pois terá mudado, adquirido novas informações, gerado novos conhecimentos, talvez tenha mudado seus hábitos a partir do que leu no livro e, no presente, é outro homem, uma forma modificada do seu ser antes de ler o livro, mas ele só é o que é agora porque existiu uma forma passada dele mesmo antes de ler o livro, então não é como se o homem que tivesse entrado na sala antes de ler o livro não existisse mais, ele é o passado do que está na sala depois de ler o livro. Ele existe na lembrança do *ser* do presente.

O *passado* surge de um *presente* e é uma transcendência, para trás, do hoje. É formado de passados individuais que se formam em conjuntos, sendo todos passados de algo que agora é no presente e que foram desse *ser*. Entretanto, não é possível possuir um passado externamente. Ele não pode ser presente à maneira que o *presente* é passado. Nesse momento, há uma analogia do presente-passado com o *em-si*: não é que o *em-si* seja o passado de algo como o *ser* ou que o *ser-para-outro* (que logo se detalhará) seja o futuro do *ser* ou do *ser-em-si*. O *ser* é uma existência, como se fosse uma etapa anterior ao *em-si*, mas não em se falando de temporalidade. Contém as formas passadas e a forma presente juntas nele, em momentos diferentes.

Assim como tem, junto consigo, a forma possível de presente que se concretizará no futuro.

O *em-si* é a etapa anterior do *para-si*, mas esse segundo não deixa de ser *em-si*, ele próprio, pois se deve manter em mente que estamos falando do *ser*, do *em-si* e do *para-si* e, mais à frente, do *para-o-outro* como entidades independentes da temporalidade, ou seja, elas não dependem do tempo para existir, mas é através dele que elas se concretizam. Não pode se livrar dele, mas também não pode alcançá-lo. Há uma distância existencial entre eles. Esse é o peso da *facticidade*<sup>17</sup>.

O *presente*, para Sartre, não é. É uma fuga do ser. É a negação do ser do *para-si*. A frase “o *para-si* não é o que é e é o que não é” se dá pela *temporalidade*. Não é o que é, devido a seu *passado* e é o que (ainda) não é, devido ao seu *futuro*. Ainda melhor, o *para-si* não é agora e em si o que foi no seu *passado*, pois já deixou de ser aquilo para se tornar o que é agora e, ainda, não é o que pode ser em seu *futuro* porque ainda necessita passar por suas interações com o mundo e se tornar aquilo que pode vir a ser, através das escolhas que toma. Este *futuro* é porvir, é tem-de-ser. Não existe como representação, pois o *para-si* não se limita ao *presente*.

Ele não só é o *presente*, mas pode ser também o *passado* desse que é. A *presença* do *para-si*, no presente, é fuga. E essa fuga é para se encontrar com as próprias possibilidades de ser. É um rumo a... o *para-si* necessita da possibilidade do *futuro* para que possa existir de forma plena ou será somente *em-si*. É através da possibilidade de existência de uma forma futura dele mesmo que ele agirá agora, no *presente*, para escapar da permanência do que é.

---

<sup>17</sup> A facticidade, para Sartre (apresentada na obra *O ser e o nada*, na Segunda Parte, Capítulo 1, part II) refere-se aos aspectos da existência que são dados e imutáveis para um indivíduo, como seu passado, circunstâncias sociais, corporais, culturais e até mesmo a mortalidade. Esses elementos constituem a base sobre a qual a liberdade humana se exerce, mas não determinam completamente o ser.

A facticidade representa as condições e limitações que a liberdade humana enfrenta. Embora os seres humanos sejam radicalmente livres para escolher e agir, essa liberdade está sempre situada dentro de um contexto de facticidade. Por exemplo, uma pessoa não pode mudar seu passado, sua nacionalidade de nascimento, ou as condições econômicas e sociais nas quais nasceu. Essas são as "facticidades" que moldam, mas não determinam, suas escolhas.

Para Sartre, cada indivíduo é um projeto que está constantemente se fazendo e se refazendo. A facticidade fornece o ponto de partida para esse projeto. Embora não possamos alterar esses fatos, podemos escolher como responder a eles e o que fazer com eles. A liberdade se manifesta na forma como transcendemos nossa facticidade por meio de nossas escolhas e ações.

Reconhecer a facticidade leva à angústia, um sentimento de confronto com a liberdade radical e a responsabilidade total por nossas ações. Ao mesmo tempo, a consciência da facticidade e da liberdade pode levar à autenticidade, onde o indivíduo assume plenamente suas circunstâncias e age de acordo com seus próprios valores e decisões, em vez de se esconder atrás de desculpas baseadas na facticidade.

Essas mudanças entre os tempos se dão através do movimento do ser. Em seu livro, *O ser e o nada* (2014, p. 278-280), Sartre exemplifica esse movimento comparando o *ser* com uma bola de sinuca vermelha: quando a bola está parada, ela é daquela forma que é e, se nada acontece, tanto no tempo quanto no espaço, ela continuará sendo assim como é. Entretanto, se houver um movimento em ambas as dimensões, ela se modificará, pois ao rolar, por exemplo, sua cor parece diferente ao observador, parece brilhar mais devido às luzes, devido à velocidade. Assim como, com a ação do tempo, ela se desgasta e perde a cor e o brilho aos nossos olhos: em *si*, ela não deixou de ser vermelha, mas através do movimento, tanto no espaço quanto no tempo, ela se modificou.

O ser da bola, assim que passou a existir, era de uma forma, mas foi se modificando lentamente e por vários motivos até ser o que é agora, depois de muito tempo. Assim, também, acontece com o *ser*: através do movimento, passando do passado do que era que agora não é, se modifica com as circunstâncias e é o que é, mas não sendo somente aquilo, pois busca ser algo diferente, o seu *ser* futuro.

Em outras palavras, a *presença*, acima citada, do *para-si*, é aquilo do qual ele deve se desvencilhar, pois se só fosse *presença*, seria apenas *presente* e se tornaria *em-si* por si só. O *futuro* só existe para que o *para-si* deixe de ser o que é ou o que era e venha a ser o que tem-de-ser (ou o que pode ser), como que em um “ainda-não”.

De outra forma, o projeto do *para-si* é deixar de ser aquilo que é e passar a ser aquilo que ainda não é. “Sou o quê? Um ser que não é seu próprio fundamento, um ser que, enquanto ser, poderia ser outro que não o que é, na medida em que não explica seu ser” (SARTRE, 2014, p. 129). Se não fosse assim, o *ser* só poderia ser de uma forma imutável e só teria consciência de si mesmo sob essa forma. Não sendo seu próprio fundamento, o *ser* poderia ser algo que não só ele mesmo como se concebe.

Nas palavras o autor,

O futuro originário é a possibilidade desta presença que tenho-de-ser, Para-além do real, a um Em-si para além do Em-si real. Meu futuro carrega, como copresença futura, o esboço de um mundo futuro e, como vimos, o que se desvela ao Para-si que serei é esse mundo futuro, e não as possibilidades mesmas do Para-si, só cognoscíveis ao olhar reflexivo. [...] É o Em-si presente modificado, pois meu futuro não passa de minhas possibilidades de presença a um Em-si que terei modificado. Assim, o futuro do mundo se desvela a meu futuro (SARTRE, 2014, p. 281).

O futuro também guarda o *ser do presente* em seu *ser*: há um vazio de futuro<sup>18</sup> no *para-si*. E ele é o que aguarda a presença do *ser*. É o *ter-que-ser* do *para-si*. Parece, ainda, se assemelhar à *angústia*. Apesar disso, o *futuro* nunca se deixa alcançar, pois é último e se fosse alcançado, deixaria de ser *futuro* e passaria a ser *presente*. Somente há, entre o *para-si* e o *futuro*, uma conexão desejável.

O *futuro* não tem *ser*. Ele não é. É aquilo que se deseja alcançar, mas jamais se pode fazê-lo, porque ele sempre está a essa distância, permitindo que o *ser* aja sempre em conformidade com a existência (desse futuro). Permite que haja uma “razão” para continuar a sua existência em conformidade com as crenças e com o projeto de *ser* que o indivíduo tenha. Além disso, a concretização dessa mudança e de tudo que o *ser* que é agora, no *presente*, pode ser no *futuro*, deve ser dada pela *liberdade*.

Existe, portanto, de acordo com o autor, um movimento de passagem de um estado para o outro que diferencia o *ser* em seus estágios.

Segue-se que este *Em-si*, tragado e nadificado no acontecimento absoluto que é a aparição do fundamento ou o surgimento do *Para-si*, permanece no âmago do *Para-si* como sua contingência original. [...] O acontecimento absoluto, ou *Para-si*, é contingente em seu próprio *ser*. Se decifro os dados do cogito pré-reflexivo, comprovo, certamente, que o *Para-si* remete a si. Seja o que for, este si existe à maneira de consciência de *ser* (SARTRE, 2014, p. 131).

Mas haverá quem se pergunte sobre a morte ser passado. Sartre afirma que pela morte, o *para-si* se converte sempre em *em-si*. Ou seja, o *em-si*, sendo o que é, não se modifica com a possibilidade de um futuro, ele apenas é o que é e não pode ser algo diferente daquilo. Coisa que o *para-si* pode fazer. O que o *ser* é como passado, é o seu próprio *ser-em-si*.

Ao se colocar os conceitos do *ser* delineados até agora em ordem de surgimento, tem-se o *ser* que é apenas a possibilidade de existência positiva em

<sup>18</sup> Nas palavras de Sartre, um “creux toujours futur” ou “vazio sempre futuro” literalmente.

contrário ao nada; o *ser-em-si* que é a existência para si mesmo dependente da consciência de consciência; e o *para-si* que é uma possibilidade de ser algo.

Daqui em diante, é necessário juntar alguns outros conceitos aos que já foram elucidados para que se chegue à compreensão de mais uma parte do ser: o *para-outro*. Sartre afirma que “o Para-si como nadificação do Em-si se temporaliza como fuga para” (2014, p. 452) ou, em outras palavras, o ser deixa de ser algo, nadificando sua forma anterior e se dirige a outra forma de si através de uma fuga do estado no qual estava.

Depois de tomar consciência (de) suas próprias estruturas e capacidades, o *ser* começa a se defrontar com um dos conceitos paralelos do autor: o *mundo*. Esse conceito apareceu anteriormente nesse trabalho, mas só será definido agora para que não se abrisse um parêntese muito grande entre as primeiras formas do ser, o que facilita a compreensão do conceito apresentado em um momento somente.

Em sua obra, *O ser e o nada*, Sartre não usa um momento específico do texto para explicar o que é o *mundo*, o que dificulta a compreensão desse conceito em separado. Apresenta, contudo, algumas pequenas elucidações entre os conceitos do *ser* a ser compreendido.

Ainda enquanto começa a definição dos limites do *nada* e do *ser*, Sartre afirma que “o mundo é o complexo sintético das realidades-utensílios na medida em que estas se indicam mutuamente segundo círculos cada vez mais amplos e na medida em que o homem, a partir deste completo, faz-se anunciar o que é” (2014, p.59). E também “o que significa que a realidade humana surge como emergência do ser no não ser e, por outro lado, o mundo se acha “em suspenso” no nada (2014, p.60).

Pode-se dizer então que o mundo, para o autor, é aquilo que não é o ser e que se apresenta ao ser. “O mundo é o que separa o para-si de si mesmo, ou, para empregar uma expressão heideggeriana: é aquilo a partir do que a realidade humana se faz anunciar o que é” (SARTRE, 2014, p. 262). Como não existe somente o *ser* e o que ele é, mas também aquilo que não é ele, essa é a parte que o completará e que influenciará em seu projeto futuro. O que não for o *ser*, nem o nada, pode ser o mundo.

Os outros seres, ou seja, as outras pessoas, coisas e tudo que for existente também são decisivas para a vida do *ser*, pois existe uma necessidade de confirmação da própria existência a partir dos outros. Esse é o contato que o ser tem com o mundo.

Ao nascer, uma criança será conhecida primeiro não pelo seu próprio nome nem pelas suas qualidades e defeitos ou pelas suas particularidades e personalidade,

mas sim por ser filha dos seus pais. É preciso que existam os pais para que exista a criança – não só no sentido de criação, mas de validação do *ser*. Para os outros, esse é o indivíduo.

E é, também, a partir dessas relações com os *outros* que haverá fatores significativos na vida do *ser* que podem moldar o que ele virá a ser no futuro – o que se chama na psicologia de fatores ambientais: a cidade onde nasceu contém fatores culturais, religiosos, sociais que serão limitadores<sup>19</sup> do *ser*; seu gênero, sua raça, sua orientação poderão não só limitar, mas moldar de forma drástica as escolhas de vida desse indivíduo. Por isso, o último estágio do *ser*, para Sartre é o *para-outro*.

Existe aqui uma relação de sujeito-objeto e, ao mesmo tempo, uma relação de objeto-sujeito do *para-outro* para com o *outro* que é definida pelo autor da seguinte maneira:

Este outro, [...] nós o constituímos aos poucos como objeto concreto: não é o outro o instrumento que serve para prever um acontecimento de minha experiência, mas os acontecimentos de minha experiência é que servem para constituir o outro enquanto outro, ou seja, enquanto sistema de representações fora de alcance, como objeto concreto e cognoscível [...] através de minhas experiências são os sentimentos do outro, as ideias do outro, as volições do outro, o caráter do outro. [...] o outro não é somente aquele que vejo, mas aquele que me vê (SARTRE, 2014, p. 297).

Em outras palavras, o outro é delimitador e definidor do *ser*, mas o *ser* também é delimitado e delimitador do *ser* do *outro*. A partir do momento em que uma mãe tem um filho chamado Pedro, ela não é mais ela mesma somente, mas também passa a ser conhecida com a mãe de Pedro e viverá para que ele possa se desenvolver da melhor forma possível, cuidando, zelando, dando-lhe tudo que for necessário e que puder. Portanto, o projeto futuro da mãe também será limitado pela necessidade de cuidar de Pedro, conhecendo-o e o descobrindo.

---

<sup>19</sup> É possível que o indivíduo more em um local onde algo é culturalmente mal visto e por isso deve ser evitado; ou que por fazer parte de um tipo de religião, seja impedido de praticar algum tipo de ato; ou que por pertencer a um grupo étnico enfrente maiores dificuldades de conseguir seguir algum tipo de carreira; ou por ser de classe econômica mais baixa tenha as mesmas dificuldades; ou até casos mais rígidos como o de mulheres muçulmanas que são proibidas de escolherem as próprias roupas e são obrigadas a usar burcas ou podem ser mandadas para a prisão. Alguns desses fatores dificultam o acesso de alguns indivíduos a algumas coisas, mas não interferem em sua liberdade, enquanto outros podem impedir a liberdade dos indivíduos proibindo que façam ou sejam algo específico. Pode-se citar outros exemplos de países onde a homossexualidade seja proibida (como a Nigéria ou a Uganda) ou países onde a liberdade de ir e vir é controlada (o caso da Coreia do Norte).



Assim, tem-se uma relação objeto-sujeito e sujeito-objeto quando se trata do *ser* e do *outro*. Há um movimento de um para com o *outro* e há também um movimento contrário a isso. Conforme Sartre:

Assim, o homem que se alcança diretamente pelo cogito descobre também todos os outros, e descobre-os como sendo a própria condição de sua existência. Ele se dá conta de que só pode ser alguma coisa [...] se os outros o reconhecerem como tal. Para obter qualquer verdade sobre mim, é necessário que eu considere o outro. O outro é indispensável a minha existência tanto quanto, aliás, ao conhecimento que tenho de mim mesmo (SARTRE, 1987, p. 9).

O autor também define outras atitudes para com o *outro*<sup>20</sup> que não serão abordadas neste trabalho (amor, linguagem, ódio, indiferença, desejo, entre outras). Daqui em diante, depois de delineadas as formas do *ser* e como ele se comporta em cada momento da sua existência, depois de se confrontar com o *mundo*, não interessa a este trabalho e nem foi do interesse de Sartre (nesta obra) entrar na parte ética da vida do ser para analisar o que deve ou não ser feito, como deve ser o agir de um ser humano bom como fazia Platão ou como fazia Aristóteles ao delimitar quais eram os atos a serem seguidos para que a vida fosse melhor e como a sociedade deveria se organizar politicamente.

Neste trabalho, com efeito, delimitaremos o caminho ontológico que foi traçado na introdução que sai do *ser* até a *liberdade* e, daí, para a sua *negação*, baseada nos fenômenos captados pelo ser e desses conceitos paralelos para uma melhor compreensão. Assim, restam apenas a *liberdade* e a *negação* dada pela *má-fé* que serão vistas nos próximos capítulos.

---

<sup>20</sup> Em sua obra, *O ser e o nada*, no capítulo 3: As relações concretas com o Outro, partes 1 e 2, Sartre define as atitudes do ser para com o outro como sendo positivas (abordadas na primeira parte) e negativas (abordadas em sua maioria na segunda parte), mas o intuito desse trabalho não é analisar esses conceitos.

#### 4 A LIBERDADE E O FARDOS

De fato, tudo é permitido se Deus não existe, e, por conseguinte, o homem está desamparado porque não encontra nele próprio nem fora dele nada a se agarrar. Para começar, não encontra desculpas. Com efeito, se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é a liberdade (SARTRE, 1987, p. 5).

O cerne do trabalho a ser analisado trata da questão da *liberdade*. Para o autor, ela é o que permite que o *ser* seja responsável pela construção de seu futuro. Este conceito tem o maior peso dentre todos para o *ser*. É por causa dele que o *ser* pode existir no mundo. É só através da liberdade e por causa dela que o *ser* pode se desenvolver da forma que bem desejar e é por causa dela que Sartre acredita que não exista uma predefinição essencial do *ser*: se assim fosse, não seria possível que o *ser* tivesse liberdade, pois teria nascido somente para aquilo que foi criado e já estava definido e não faria diferença nenhuma ter liberdade de escolher qualquer coisa que fosse, pois todas suas escolhas levariam ao *ser* que deveria ser seu *ser* futuro. Com a liberdade, o indivíduo consegue se desenvolver da forma que deseja e ter seu projeto futuro inteiramente sob sua responsabilidade.

Em caso da não existência de um *ser* divino que defina e crie o *ser*, não é possível colocar a culpa das ações que foram tomadas em mais nada a não *ser* em quem fez a ação. Mesmo que se utilize o argumento de que o *ser* humano é tomado por paixões e sentimentos que o fazem buscar os objetos de suas paixões e vontades, ele também é responsável por suas próprias vontades e, portanto, por controlá-las.

Na liberdade, o *ser* humano é seu próprio passado (bem como seu próprio devir) sob forma de *condenação*. Se nossa análise está no rumo certo, deve haver para o *ser* humano, na medida que é consciente de *ser*, determinada maneira de situar-se frente ao seu passado e seu futuro como sendo esse passado e esse futuro e, ao mesmo tempo, como não sendo (SARTRE, 2014, p. 72).

Essa *liberdade* é imposta ao sujeito: é esse o fardo que o *ser* deve carregar, pois será, a partir do momento que o *ser* vem à existência, ele já tem liberdade, pois ela é inerente à existência humana e, assim, o *ser* é obrigado a construir seu futuro, seja bom ou não. Como cita o autor: “somos condenados a ser livres” (SARTRE, 1987, p. 5). E o é porque não criou a si mesmo e é responsável por tudo que faz, então é o

que lhe resta controlar. Se for bravo em brigar pela concretização do seu futuro, é responsável pelo que acontecer com quem cruzar seu caminho, se for covarde e deixar de fazer algo por medo, é tão responsável pela falta de concretização do que buscava para seu futuro.

O conceito de liberdade se choca com a obrigação que ela mesma gera, pois a partir de cada escolha feita pelo sujeito, algo será criado e servirá para o propósito que o sujeito determinou. Todavia, isso o torna responsável por aquilo que cativa. Conforme Sartre, em *O Existencialismo é um Humanismo*:

Assim, não existe natureza humana, já que não existe Deus para concebê-la. O homem é tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência (SARTRE, 1987, p. 3).

Ter o poder da liberdade de escolha define o caminho que foi escolhido e traça o projeto futuro bem como define os caminhos que não foram tomados e as escolhas que não foram feitas e nega esses caminhos para o projeto futuro do indivíduo. Embora essa visão tenha sido considerada negativa pelos críticos de Sartre, pode-se tratar esse conceito como uma “libertatória”, que seria uma liberdade imposta, devido ao fato de que a maioria das escolhas feitas pelo *ser* durante sua vida são limitadas pelas relações com o mundo, com o outro ou até com as instituições nas quais o *ser* está incluído.

Conforme Sartre, cada uma das escolhas é direcionada por aquilo que apresenta ser o bem para cada indivíduo. Não há, todavia, uma libertinagem de escolhas: elas são um *fardo* para o *ser*, não só pelo fato de que afetarão sua vida tanto para o bem quanto para o mal, mas também porque não poderão jamais ser desfeitas. O autor não trata, em seu livro, *O ser e o nada* e nem é o intuito tratar aqui da qualificação, da ética dessas escolhas, nem dizer o que está certo ou o que está errado; mas, sim, deixar claro que cada escolha tomada é fruto da liberdade de existência do *ser* e que existe uma responsabilidade a ser considerada nessa liberdade. Sartre afirma que:

[...] tudo isso são manifestações de uma escolha mais original, mais espontânea do que aquilo a que chamamos de vontade. Porém, se realmente a existência precede a essência, o homem é responsável pelo que é. Desse modo, o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência. Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens. A palavra subjetivismo tem dois significados [...] (SARTRE, 1987, p.3).

Em outras palavras, o ser é responsável não só pelas suas ações, mas por como essas ações refletem nos outros no mundo ao seu redor. Não basta tomar qualquer decisão e deixar com que os outros lidem com elas. Veremos mais afrente (na parte da negação da liberdade) como isso é importante para a completude desse trabalho.

Só depois disso é que o *ser* passa a ter a possibilidade de se tornar o que deseja, de definir seu próprio futuro. Com esse conceito de consequência, Sartre acaba com a possibilidade de responsabilizar uma deidade pelo futuro desse *ser*.

O autor valoriza um conceito (elemento<sup>21</sup>) para que o *ser* possa sair de si mesmo e se tornar parte do mundo: temporalidade. É um passo para a *consciência* da interação como o mundo. Precisa de contato com o espaço e o tempo: o mundo e a temporalidade. A teoria existencialista do autor precisa lidar com essa temporalidade como uma condição para o *ser* adquirir *consciência*.

Esse conceito é gerado pela liberdade, bem como a responsabilidade do *ser* pela sua própria existência. Ambas negam a possibilidade de atribuir os reveses do futuro a uma divindade ou à natureza (não é possível recorrer à natureza para explicar a existência do *ser*). Para o autor, a sociedade (no sentido de instituição) também não é condição para o reconhecimento do *ser*, pois o que limitaria a consciência e a liberdade do *ser* seriam as virtudes morais, e o autor nega isso ao dizer que “a moral não é limite para liberdade e para a consciência do *ser*” (SARTRE, 2014, p. 649).

Cada *ser* tem uma essência imutável, ou seja, aquilo que ele já viveu. Todas as escolhas que já foram feitas se tornam imutáveis a partir do conceito de *temporalidade* (essa também é imutável). É impossível apagar os fatos que surgem com as escolhas feitas no passado. O *ser* pode adquirir características diferentes

---

<sup>21</sup> É um conceito secundário para esse trabalho, mas de grande importância para Sartre para a compreensão da obra como um todo e que é mais bem definido na obra *O ser e o nada*, na segunda parte, capítulo 2. Contudo, não será aprofundado neste trabalho, servindo como elo para a linha principal de pensamento desse trabalho.

apenas pelas escolhas feitas doravante. E, em sequência a essas relações, entra o que o autor chama de o *ser para-o-outro*.

Esse é o movimento mais complicado da teoria de Sartre. Como não existe apenas um indivíduo nas instituições (na sociedade) e ele não pode viver separado de todo o resto, faz-se necessária sua interação com outros, gerando assim vários problemas. A partir desse outro indivíduo, o *ser* tem a necessidade de ser avaliado, para que possa ter sua existência reconhecida. Ao mesmo tempo em que o outro é condição primordial para o reconhecimento da existência do *ser*, ele também pode representar a negação do *ser* primeiro. Eles devem coexistir.

O filho vai reconhecer a mãe pelo que ela é. E sem o filho, a mãe não seria reconhecida como si. Os indivíduos dentro de uma sociedade são não só eles por eles, não são conhecidos separadamente. Ao passo que vão acontecendo interações com outros seres (os primeiros sendo os pais, familiares e amigos), direcionam sua existência para algo próximo ao que os outros ao seu redor são: se falam o idioma português, esse novo ser falará o mesmo idioma, pois crescerá e aprenderá nele; se desenvolverá com os mesmos genes, com as mesmas propensões genéticas; terá um ambiente parecido e uma possibilidade de desenvolvimento similar ou aproximada ao que tiveram os outros ao seu redor; será reconhecido pelos outros; repleto e moldado (por seus pais, responsáveis e educadores) até o ponto em que possa fazer suas próprias escolhas de forma inteligente; se desenvolverá com seus amigos próximos compreendendo o que os outros acham “legal” ou não em sua forma de agir e interagir com o mundo e assim por diante.

Se assim for considerado, o outro representa, de certa forma, um tipo de negação para o *ser*. Ele agirá de acordo consigo mesmo e com sua essência ao passo que é reconhecido pelos outros. Um indivíduo impõe um limite para o *ser* do *outro*. Esse limite pode representar também uma nova forma de angústia para o *ser*: a angústia de que suas ações possam afetar negativamente a vida do outro. De acordo com Sartre:

[...] É a própria angústia que constitui a condição de sua ação, pois ela pressupõe que eles encarem a pluralidade dos possíveis e que, ao escolher um caminho, eles se dêem conta de que ele não tem nenhum valor a não ser o de ter sido escolhido. Veremos que esse tipo de angústia – a que o existencialismo descreve – se explica também por uma responsabilidade direta para com os outros homens engajados pela escolha. Não se trata de uma cortina entreposta entre nós e a ação, mas parte constitutiva da própria ação (SARTRE, 1987, p. 4).

Esse é um dos motivos pelos quais Sartre defende que seu existencialismo é humanismo. Além dessa necessidade humanística, o *outro* representa também a impossibilidade de apropriação do *ser* pelo *outro*. Cada indivíduo tem que deixar o projeto<sup>22</sup> do *outro* se realizar, sem tomar posse dele para seu próprio projeto. Sartre usa sua esposa como um exemplo: diz que se ele nomeasse Simone (sua esposa) como “esposa de Sartre”, ele estaria limitando a capacidade de desenvolvimento do projeto de vida dela.

As ações do *ser* podem influenciar as condições de vida do *outro* de forma positiva ou negativa. Em sendo positivas, o *ser* auxilia o *outro* em seu projeto individual de sujeito futuro, se forem negativas, podem, da mesma forma, influenciar as condições de forma a impedir que esse projeto se concretize em acordo com aquilo que o *outro* pensa para seu próprio projeto futuro.

Sartre explica melhor essa parte ética em sua obra *O Existencialismo é um Humanismo* (1987, p. 4-5), mas novamente, esse trabalho não tem o intuito de abordar essa parte ética da filosofia sartriana. Aqui, somente se define alguns conceitos que beiram a ética para que fique mais fácil de se compreender a linha lógica do *nada* até a *negação da liberdade*.

Até aqui, então, definiu-se o ser do *nada*; a existência do *ser* e suas formas, dividindo-as em ser em-sim que (que somente é), para-si (quando toma consciência de consciência e está pronto para se deparar com o mundo), e para-outro (quando se depara com todos os outros indivíduos que não são o próprio ser); elucidou-se sobre a *liberdade* que vem com a *existência* (visto que essa preceda a *essência*) e sobre como a liberdade representa tanto possibilidades para a existência do ser como um fardo (conforme o autor, “A escolha é possível, em certo sentido, porém o que não é possível e não escolher” SARTRE, 1987, p. 10); e como o *outro* influencia na existência desse *ser*. Falta somente compreender o porquê e como acontece a

---

<sup>22</sup> Para o filósofo, o *projeto* do *ser* é o possível futuro deste a partir de suas escolhas e de suas capacidades, como se pudesse modelar seu destino como um projeto, e esse representa, para o autor, as ideias, os conceitos, as escolhas de esse *ser*.

*negação* dessa *liberdade* por parte dos existentes, como se dão essas responsabilidades e porque a *liberdade* é negada através da *má-fé*. Para isso, é necessário que se defina primeiro o que é a *fé* e o que é a *má-fé* sartriana.

## 5 A MÁ-FÉ E A NEGAÇÃO

Na obra *O ser e o nada*, Sartre define a *má-fé*<sup>23</sup> antes de definir o *ser* por completo<sup>24</sup>, a *liberdade*<sup>25</sup> ou a *negação*<sup>26</sup>. Diferentemente do autor, esta parte do trabalho será deixada para explicar a má-fé já que se acredita que ela seja uma via pela qual o ser cause uma fuga da responsabilidade de seus atos ou abra mão da sua liberdade.

Esse projeto inicial de má-fé é uma decisão de má-fé sobre a natureza da fé. [...] a má-fé é um tipo de ser no mundo, como a vigília ou o sonho, e tende por si a perpetuar-se embora sua estrutura seja do tipo metaestável. Mas a má-fé é consciente de sua estrutura e tomou precauções, decidindo que a estrutura metaestável era a estrutura do ser e a não persuasão a estrutura de todas as convicções. Resulta, portanto que se a má-fé é fé e implica seu primeiro projeto sua própria negação (determina-se a estar mal persuadida para persuadir-se de que sou o que não sou), é preciso que, em sua origem, seja possível uma fé que queira estar mal convencida (SARTRE, 2014, p. 116).

A *má-fé* é o conceito mais próximo e importante agora para a conclusão da ideia principal desse trabalho, pois é através dela que a *liberdade* é negada, e essa negação é o que se quer atingir com o estudo de todos os conceitos de Sartre expostos no centro deste trabalho. Não basta somente compreender a ontologia fenomenológica da liberdade do ser para chegar ao fim dessa discussão, mas também se faz necessário compreender porque ela é negada. E isso se dá pela má-fé.

Para que ela possa existir, é necessário que exista uma fé que seja modo de decisão e que haja consciência do seu ser. Na filosofia sartriana, a fé não é tratada como crença a algum ser superior ou divindade, mas sim como decisão. Decisão em ser aquilo que se é, em se agir em acordo com a sua essência e com seu projeto de existência. Em outras palavras, a fé sartriana sugere que viver de forma autêntica seja aceitar de forma plena a existência da própria liberdade e da responsabilidade de suas ações.

Seria ela, então, um compromisso consciente com os valores que o indivíduo possui e com as escolhas que toma de acordo com suas características e com esses valores. Não é uma fé religiosa ou dogmática baseada na confiança cega da existência

<sup>23</sup> Definida no capítulo 2 da primeira parte.

<sup>24</sup> Definidos na segunda parte, capítulos 1 e na terceira parte, capítulo 1.

<sup>25</sup> Definida na parte quarta parte, capítulo 1.

<sup>26</sup> Definida na segunda parte, capítulo 3.



de uma autoridade transcendental, mas, sim, uma fé como reconhecimento ativo de sua liberdade, na capacidade do ser humano em criar significado para sua existência.

Se agir dessa forma é agir com fé (ou de boa-fé) cabe afirmar que o contrário é agir de má-fé. “O verdadeiro problema da má-fé decorre, evidentemente, do fato de que a má-fé é fé” (SARTRE, 2014, p. 115). Embora agir de boa-fé e má-fé sejam contrários, não significa que sejam coisas completamente diferentes, pois a ação de má-fé também tem sua consciência e também é decisão.

Todo homem que se refugia por trás da desculpa de suas paixões, todo homem que inventa um determinismo, é um homem de má-fé [...] A má-fé é, evidentemente, uma mentira, pois dissimula a total liberdade do engajamento. No mesmo plano, direi que tem na má-fé, igualmente, aquele que declara que certos valores preexistem a si próprios; estarei em contradição comigo mesmo se, concomitantemente, quiser esses valores e afirmar que eles me são impostos (SARTRE, 1987, p. 11).

Assim sendo, a má-fé, tendo também sua consciência e da sua própria intenção também será decisão de ser. Em outras palavras, existe a fé que é o poder de decidir ser algo em se tendo consciência do que se é, para que possa ser possível que exista a má-fé – que é ser algo e ser consciente de que se quer dizer que não se é aquilo que se é: como em um enganar-se.

Ela é como se fosse uma forma de mentira, mas voltada para si mesmo. Conforme Sartre, definindo a má-fé em comparação com a mentira:

Aceitemos que a má-fé seja mentir a si mesmo, desde que imediatamente se faça distinção entre mentir a si mesmo e simplesmente mentir. Admitimos que a mentira é uma atitude negativa. Mas esta negação não recai sobre a consciência, aponta só para o transcendente. A essência da mentira, de fato, implica que o mentiroso esteja completamente a par da verdade que esconde. Não se mente sobre o que se ignora; não se mente quando se difunde em erro do qual se é vítima; não se mente quando se difunde em erro do qual se é vítima; não se mente quando se está equivocado. O ideal do mentiroso seria, portanto, uma consciência cínica que afirmasse em si a verdade, negando-a em suas palavras e negando para si mesma esta negação (SARTRE, 2014, p. 93).

O conceito de *negação* é fundamental na filosofia de Sartre, especialmente na obra *O Ser e o Nada* e será abordada nesse capítulo somente, junto com a *má-fé*, pois esse trabalho presume que seja a *má-fé* que cause a *negação* da *liberdade* do *ser* através das ações do *ser* e do *outro* como uma forma de fuga da responsabilidade dessas ações. Sartre utiliza a *negação* para explorar a natureza da consciência e da

liberdade humana. A negação, para ele, é um ato constitutivo da consciência e está intimamente ligada à ideia de *nada*.

Portanto, dizer que a *liberdade* está sendo negada, não quer dizer que ela deixa de existir no *ser*, pois ela é intrínseca a sua *existência* e faz parte dele durante toda sua vida. Significa, ao invés disso, que de forma consciente e intencional, o *ser* está abrindo mão da sua *liberdade* ao passo que deixa que as ações dos outros interfiram em seu projeto futuro.

É possível que seja mais fácil compreender a *negação da liberdade* ao aplicá-la de forma prática em um exemplo de vida: imagina-se uma família genérica composta de pais que sejam responsáveis pela existência de seus filhos, bem como pelo reconhecimento desses como *seres* no mundo. Ao tomar as decisões por eles (como escolha da religião, do nome, do lugar onde morarão ou de onde estudarão), considerando que o façam ou perpetuem neles suas escolhas mesmo que já tenham capacidade e inteligência para tomá-las sozinhos, podem trazer a *negação* para seus filhos, pois eles deixam de ter a opção de escolha de seus futuros. Os filhos deixam que seus pais escolham por eles coisas que somente a eles dizem respeito. Portanto, o outro pode resultar em uma limitação da capacidade de escolha do *ser* de poder se tornar o que gostaria. Passa a escolher no lugar do *ser*. Aqui entra o movimento da *má-fé*.

Para exemplificar ainda melhor: se os pais de um adolescente decidem que ele deve continuar a seguir a religião que seguia quando era criança e que seus pais escolheram, e deve frequentar a igreja (ou qualquer outro local religioso) ainda que esse não queira ou desgoste da ideia, existem dois movimentos de *má-fé*: um mais claro, dos pais para com o filho – pois o estão “obrigando” a fazer algo que ele não tem realmente vontade de fazer, impedindo que siga caminhos futuros de outras religiões, conheça outras crenças, tenha outras práticas, negando seu projeto futuro de ser da forma que bem gostaria e querendo que ele seja algo que ele não é; e outro movimento do *ser* para com ele mesmo – quando toma a decisão de deixar que seus pais escolham por ele e não “luta” por aquilo que ele quer ser, viver ou seguir.

“A *má-fé* exige que eu não seja o que sou, quer dizer, que haja uma diferença imponderável a separar o ser do não ser no modo de ser da realidade humana” (SATRE, 2014, p. 114). Dessa forma, fica mais claro que deixar que outros façam uma escolha pelo seu ser também é uma escolha. A liberdade existiu em todos os momentos. Os pais fizeram uma escolha (através da liberdade deles) de tolher a

liberdade do seu filho de forma consciente, e o filho, da mesma forma, fez a escolha voluntária (através da liberdade dele) de deixar que seus pais tomassem por ele uma decisão que somente a ele dizia respeito.

Assim, o filho está agindo com má-fé para consigo, pois sabe que não está escolhendo algo para sua vida que representa aquilo que ele é, e mente para si mesmo (por inúmeras razões que não cabe a análise nesse trabalho), assim como os pais mentem para si mesmos, por qualquer outra razão que seja, que estão fazendo o melhor para a vida do seu filho, em ele não sendo aquilo que ele é – quando o melhor seria que ele vivesse por si só, em seu projeto.

Para Sartre, razoavelmente, essa mentira para si mesmo é o momento mais vergonhoso da existência do *ser*. É enganar o seu próprio projeto futuro: “se o homem é o que é, a má-fé será definitivamente impossível, e a fraqueza deixará de ser seu ideal para tornar-se seu *ser*” (SARTRE, 2014, p. 105). Está pressuposto aqui uma valoração das ações em acordo com o que se é de verdade, mas o presente trabalho não pretende abordar essa parte da filosofia sartriana.

Por fim, a razão do *ser*, primeiro, é para si, depois será para o *outro*. E para não agir de má-fé para consigo mesmo, o *ser* não pode enganar a si mesmo, aceitando que seja algo que não é. Nesse cenário, também, o *outro* é um problema para o *ser*, pois pode ser um obstáculo na concretização do *ser* e impede a sua expansão e seu projeto de se completar.

Isso se dá por causa da liberdade e da responsabilidade de cada um: essa influência do *ser* no *outro* é de responsabilidade da liberdade do *ser*, ou seja, as ações tomadas a partir da liberdade intrínseca do *ser* que podem influenciar no futuro do *outro*, de forma negativa, são de responsabilidade tanto do *ser*, pois ele que as fez, mas se influenciam o projeto do *outro*, também é reponsabilidade do *outro* agir de forma a não permitir que as consequências dessa ação impeçam seu projeto futuro.

## CONCLUSÃO

Esse trabalho se iniciou com o objetivo de analisar os conceitos das obras *O ser e o nada*, e *O Existencialismo é um humanismo* de Sartre com o auxílio de outros autores e comentadores como BORNHEIM, G., MÉSZAROS, I., SILVA, P. C. G., BARATA, A e SANTOS A. em busca de fazer compreender os conceitos principais, partindo de uma possível troca de ordem que facilitasse a compreensão, tendo como ponto inicial o conceito de *nada*, passando pelas formas do *ser*, compreendendo-as em suas particularidades, chegando ao conceito de *liberdade* e, logo em seguida, passando para a *negação* dessa liberdade no *ser* através de uma fuga da responsabilidade propiciada pela *má-fé*, analisando como isso se dava no *ser* através dele mesmo e do *outro* e como as responsabilidades desses atos se davam a cada um dos indivíduos envolvidos.

Dessa linha principal de raciocínio ainda surgiram algumas ramificações oriundas da necessidade de explicar conceitos secundários que não foram explorados a fundo, pois não era o objetivo central, mas cuja elucidação se mostrou necessária para a compreensão do cerne deste trabalho. Conceitos como o da temporalidade, a ética das ações dos seres envolvidos, as atitudes para com o outro, entre outros, estão todos desenvolvidos na obra *O ser e o nada*, mas não foram mais bem elaborados aqui devido sua complexidade e extensão.

O trabalho é uma leitura, compreensão e reorganização sintática da ontologia fenomenológica do autor, ou seja, tenta-se resumir e explicar o trabalho de Sartre quando à busca do que é o ser (indivíduo, ser humano, ou qualquer outro sinônimo que se possa dar que lhe mantenha o sentido) através da análise dos fenômenos desse ser – a saber, aquilo que se pode experienciar desse ser; aquilo que se percebe; e aquilo que se pode concluir a partir do que se tem de sua existência no mundo.

O *ser* vem ao mundo porque é a positividade em relação ao *nada* existente que permite sua estrutura. É necessário que a sua *existência* preceda sua *essência* para que possa existir qualquer tipo de *liberdade* e *responsabilidade*. Do contrário, ele seria somente aquilo para o que foi criado e não teria liberdade de escolha na sua vida, tendo sido definido por uma entidade criadora com um propósito determinado. Assim que passa a existir, passa a ter *consciência* de sua existência como *ser* e, a partir dessa *consciência (de)*, desenvolverá a *consciência* de que tem *consciência*, ou

*consciência (de) consciência* que é característica do ser humano<sup>27</sup> e que o faz ser capaz de adquirir e gerar conhecimento a partir das coisas que experiencia no mundo.

O autor divide o *ser* em três formas com características e momentos diferentes: *em-si*, *para-si* e *para-outro*. É *em-si* enquanto somente existe: simplesmente é e não tem consciência ainda; tampouco se volta para si mesmo e questiona sua própria *existência* – só o fazendo em sua segunda fase, *para-si*; e, por fim, se depara com o *mundo* e com o *outro* em sua terceira fase. A completude dessas fases se dá através da *temporalidade*, tornando-o um ser agente no mundo que tem um projeto futuro a ser realizado.

Ao interagir com o *mundo* e com as coisas que existem, o ser é obrigado a fazer escolhas de como agir e do que fazer. Essas escolhas, por sua vez, afetam o seu futuro e, da mesma maneira, o *mundo*. A liberdade, nesse contexto, é um fardo para o ser, pois tudo que fizer e deixar de fazer terá consequências e elas serão de responsabilidade do *ser*.

Nessa interação, o *ser* deve agir de *boa-fé* para consigo mesmo e para com os *outros*, ou seja, deve agir em concordância com aquilo que é, de acordo com as suas características, com as suas particularidades, com o ser que é. Se não o faz, age de *má-fé*. Para Sartre, agir de *má-fé* não é enganar-se ou mentir enquanto se sabe a verdade, querendo enganar alguém; também não é agir de forma incorreta ou errada em não se sabendo o que se faz. Pelo contrário, é agir em desacordo com aquilo que se é, enganando-se ou aos outros sobre aquilo que se é de verdade, querendo dizer que é outra coisa, pois para o autor, a *má-fé* também é fé, ou seja, também age como forma de decisão: o *ser* decide agir em desacordo com aquilo que se é sabendo que é.

Esse conceito é um dos derradeiros neste trabalho, pois é através da *má-fé* que o *ser* terá sua *liberdade* impedida. Ao enganar-se e viver de uma forma que não é mesmo a sua, o *ser* está renunciando a sua *liberdade*, que é uma das coisas mais preciosas e importantes da sua existência. O *ser* agirá da mesma forma ao deixar que o *outro* escolha por ele, perdendo a possibilidade de escolha do seu destino. Também acontece de o *outro* agir de *má-fé* para com o *ser* quando escolher por ele o que fazer de seu futuro. Os motivos pelos quais essas negações acontecem são diversos (medos, angústias, o peso da liberdade, crenças e etc.) e aparecem brevemente na

---

<sup>27</sup> Que é homo sapiens sapiens, pois não só tem consciência (sabe), mas sabe que sabe e reflete sobre tal e sobre sua existência, o que o diferencia dos outros animais existentes no mundo.

obra *O ser e o nada*, ainda que, por não compor seu escopo, não tenham sido abordados em profundidade neste trabalho.

A concluir, o problema da *negação da liberdade* presente nas obras *O ser e o nada* e *O Existencialismo é um Humanismo* de Sartre se dá através das ações feitas pelo *ser* (que são de livre escolha e de total responsabilidade do *ser*), decididas de *má-fé*, tanto pelo *ser* e pelo *outro* (que são todos os indivíduos envolvidos no *mundo*) para com os outros que estão em desacordo com o projeto futuro desse *ser* ou que podem influenciar negativamente na *liberdade* do *outro* e na completude do projeto de *ser* do *outro*.

Em outras palavras, sendo consciente de suas ações e do mundo no qual o *ser* habita, e também dos outros ao seu redor e com quem tem relações e interações, é possível que o *ser* escolha agir de *má-fé*, causando uma fuga da responsabilidade de suas ações para com os outros (agindo para que o projeto futuro do *outro* não se concretize assim como ele imaginou) ou para consigo mesmo quando deixa que os outros interfiram em sua *liberdade* e escolham modificar sua forma de ser ou projeto futuro.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. F. **A questão da Liberdade na obra: Existencialismo é um Humanismo de Jean-Paul Sartre.** 2007, 16 p.

BARATA, A. **Liberdade e má-fé.** UBI, AFFEN, 2005, 9 p. Disponível em: <<https://www.monografias.com/pt/trabalhos909/liberdade-ma-fe/liberdade-ma-fe.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2024.

BORNHEIM, G. **Sartre: metafísica e existencialismo.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

FILHO, C. B. A Ética na Filosofia. Espaço Ética. Disponível em <<https://espacoetica.com.br/>>. Último acesso em: nov. de 2018.

DUROZOI, G. e ROUSSEL, **A. Dicionário de Filosofia.** Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1993.

MÉSZÁROS, I. **A obra de Sartre: busca da liberdade.** São Paulo: Ensaio, 1991

SARTRE, J-P. O existencialismo é um Humanismo; A imaginação; Questão de método. São Paulo: Nova Cultural, Coleção Os Pensadores, 1987. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao\\_leitura/filosofia/texto\\_pdf/existencialismo.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao_leitura/filosofia/texto_pdf/existencialismo.pdf)>. Acesso em: 12/07/2024

SARTRE, J-P. **O Ser e o Nada - Ensaio de Ontologia Fenomenológica.** Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, P. C. G. **O conceito de liberdade em o ser e o nada de Jean-Paul Sartre.** 2010. 110 f. Dissertação (Mestrado em Metafísica) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.